Apresentação
O 25 de Abril em 2024: perspetivas das Humanidades

*Joana Dias Pereira**

Cultura. Revista de História e Teoria das Ideias 43 (2024), 15-18. ISSN 0870-4546.
DOI: https://doi.org/10.34619/hagk-zcoz

O dossiê *O 25 de Abril em 2024: perspetivas das Humanidades* reúne diferentes olhares disciplinares e metodológicos. Os seus sete artigos, bem como as entrevistas associadas, abordam a memória multifacetada da Revolução e o seu legado duradouro na sociedade portuguesa, revelando como este período histórico continua a ser uma referência para o pensamento crítico contemporâneo. Destacam o papel da arte e da cultura como instrumentos cruciais de intervenção política e transformação social, desde a resistência antifascista e anticolonial até à construção da democracia. Esta análise é complementada pela exploração da intensa mobilização social e ação coletiva de diversos grupos, incluindo artistas auto-organizados, sindicalistas e movimentos de mulheres, que se empenharam ativamente no processo revolucionário e na luta por direitos. Contudo, os textos também realçam as tensões, fissuras e divisões internas que marcaram o período revolucionário, bem como os impactos da contrarrevolução na memória coletiva.

O dossiê inicia-se com o artigo de Carina Infante do Carmo, investigadora do Centro de Estudos Comparatistas (FLUL), "*E Agora, José?* de José Cardoso Pires e a memória antifascista", que recapitula os efeitos castradores da ditadura sobre a cultura e evidencia a resposta contra-hegemónica, em particular o papel do neorrealismo. Destaca o modo como José Cardoso Pires identifica o substrato antifascista da revolução, analisando as suas conquistas, impasses e derrotas, a preocupação do autor com o subsequente branqueamento do fascismo e do colonialismo, bem como com a obliteração da memória da resistência antifascista.

"Violência e solidão: o caso do aborto. Um diálogo literário e cultural", de Isabel Henriques de Jesus, investigadora do Instituto de Estudos de Literatura e Tradição (NOVA FCSH), coloca em diálogo *L'Événement*, de Annie Ernaux, e *Novas Cartas Portuguesas*, das "Três Marias", debruçando-se sobre o tema do aborto clandestino. Através da análise literária

* IHC – Instituto de História Contemporânea; IN2PAST, NOVA FCSH, Portugal.
ORCID iD: https://orcid.org/0000-0002-4898-7073. *E-mail*: joanapereira@fcsh.unl.pt.

comparada das duas obras, demonstra a violência e a solidão com que as mulheres se confrontavam em contextos profundamente repressores, tanto em França quanto em Portugal. Argumenta que o 25 de Abril, embora não tenha despenalizado imediatamente o aborto, abriu caminho para a emergência desta discussão social e para a luta contínua pelos direitos das mulheres.

"Contributos para o estudo do teatro durante o Processo Revolucionário em Curso (PREC)", de José Pedro Sousa, investigador do Centro de Estudos de Teatro (FLUL), destaca o impacto da Revolução no panorama da produção teatral da década de 1970, ilustrando a descentralização e a emergência de novos grupos. Explora as tensões estéticas e ideológicas na busca por novos públicos e o papel social da arte na construção da democracia, revelando a forma como a arte se tornou um instrumento de intervenção e transformação, apesar das discussões internas sobre o modelo de teatro e o seu papel na consciencialização das classes trabalhadoras.

"A militância política dos artistas: movimentos de auto-organização na Revolução do 25 de Abril", de Cristina Pratas Cruzeiro, investigadora do Instituto de História da Arte (NOVA FCSH), mapeia e problematiza o desenvolvimento do movimento auto-organizativo de artistas em Lisboa entre 1974 e 1976, no contexto da Revolução do 25 de Abril, com foco no papel da Sociedade Nacional de Belas Artes (SNBA) como polo agregador. Os resultados mostram a intensa mobilização social e cultural pós-Abril, impulsionada pela vontade de contribuir para a construção da democracia através da arte como instrumento de intervenção política. No entanto, a análise também revela as tensões, fissuras e divisionismos que surgiram entre os artistas auto-organizados, resultando no arrefecimento da militância e na dissolução de muitos desses grupos ainda antes da aprovação da Constituição de 1976.

"'Unidos Venceremos': arte e comunidade em discurso direto", de Filipa Aparício Baptista, Margarida Alves e Sérgio Vicente, investigadores do Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes (FBAUL), apresenta um projeto de arte pública participativa que explora a arte como prática colaborativa e social na Associação de Moradores "Unidos Venceremos" em Canal Caveira, Grândola, fundada no contexto revolucionário. O projeto retoma a premissa da "construção coletiva" do espaço público da segunda metade dos anos 1970, ativando a memória histórica e promovendo a transformação social através da participação ativa da comunidade. A escultura escolhida, "Raízes da Liberdade", simboliza a continuidade e o futuro dos ideais de Abril.

"'O que é que eu senti?' Recordações e emoções de sindicalistas que viveram a Revolução", de Joana Dias Pereira, investigadora do Instituto de História Contemporânea (NOVA FCSH), explora as recordações e emoções de sindicalistas de base que viveram a Revolução de

25 de Abril e os períodos que a antecederam e sucederam. Este artigo apresenta os primeiros resultados de um projeto de investigação colaborativa assente em entrevistas biográficas, com foco na coprodução de conhecimento e na história das emoções. Recupera a memória da pobreza e sobre-exploração laboral durante a ditadura, contrastada com a mobilização social e a conquista de direitos laborais pós-Abril. Realça a resistência quotidiana face à violência contrarrevolucionária, o assédio patronal e a desindustrialização que marcaram a longa atividade sindical destes protagonistas, sublinhando a persistência da solidariedade e da esperança na luta por uma sociedade mais justa.

Para além dos artigos, o dossiê conta com o ensaio "O cinema que corporaliza as memórias: métodos de trabalho colaborativo em *Prazer, Camaradas*! (2019)", de José Filipe Costa, investigador do Instituto de História Contemporânea (NOVA FCSH), e de Hugo Azevedo, diretor de fotografia. O texto explora os modos de fazer do filme, que rememora a relação entre portugueses e estrangeiros nas cooperativas formadas no Ribatejo em 1975, abordando temas como afetividade, intimidade, sexualidade e alfabetização, envolvendo dramatizações e improvisação, filmando em espaços que ativam recordações, utilizando uma estética que abraça o anacronismo e a artificialidade e criando uma compreensão íntima e fluida das vivências desse período excecional.

Esta edição conta ainda com um conjunto de entrevistas, "O 25 de Abril em 2024: a palavra aos criadores e artistas", realizadas por Ana Bela Morais (FLUL). Esta secção distinta oferece uma perspetiva única e íntima das vivências pessoais e das reflexões contemporâneas sobre este período histórico crucial, incluindo o papel da música de intervenção, do cinema e da literatura na construção da memória coletiva e na compreensão do 25 de Abril em 2024.

Na perspetiva historiográfica da coordenadora deste dossiê, os contributos refletem sobre três processos – a ditadura, a revolução e a contrarrevolução. São abordados aspetos essenciais do Salazarismo como a tortura, a prisão, a delação e o arbítrio penal, a censura e os seus impactos na criação artística e literária, bem como a moral patriarcal que subalternizava e oprimia as mulheres. É denunciada a natureza social do regime, as desigualdades e hierarquias sociais, a sobre-exploração do trabalho, as discriminações e os abusos patronais, mas também evidenciadas múltiplas formas de resistência e oposição, levadas a cabo por diferentes formações sociais e políticas.

O período revolucionário é ilustrado como um tempo de excecional mobilização social e participação cívica, uma expectativa e determinação generalizada de transformação social, que atingiu diferentes setores da sociedade portuguesa. Destacam-se os criadores de diversas expressões artísticas e a sua intervenção política neste período, mas também os ativistas sindicais e as emoções que a recordação do processo revolucionário

lhes desperta, ou os movimentos de mulheres e os seus avanços perante a oportunidade política criada pela Revolução. São igualmente consideradas as tensões, contradições e disputas, desde as dissensões estéticas e ideológicas à violência contrarrevolucionária e ao malogro da justiça política.

Finalmente, os contributos selecionados denunciam as representações reacionárias da Revolução e os seus impactos na memória coletiva – o processo de patologização da revolução, a obliteração da memória antifascista ou o revisionismo historiográfico –, resgatando as memórias dos vencidos e recolocando a arte, a cultura e a ciência ao serviço das narrativas contra-hegemónicas.